

Uma Guerra Quente no Líbano? O início da Guerra Civil Libanesa sob a perspectiva da revista *Veja* (1975)

Bruno Tadeu Novato Resende¹

RESUMO: A guerra civil libanesa, ocorrida entre 1975 e 1990, é resultado de uma política fracassada de divisão de poderes entre diferentes grupos confessionais, destacadamente os cristãos maronitas, os drusos e os muçulmanos, que acontece desde os tempos em que o Líbano era uma província do Império Otomano, e de forma indireta, do contexto mundial, a Guerra-Fria, e regional, da criação do Estado Israel, no Oriente Médio, em 1948. Essa guerra foi marcada pela presença de milícias, representantes dos partidos ligados aos principais grupos religiosos do país cujas alianças se mostraram instáveis, pela invasão israelense em 1978 e em 1982, visando à erradicação de uma dessas milícias, a OLP (Organização para Libertação da Palestina), e pela regularidade dos massacres, exemplificados pelos episódios de Karantina e Sabra e Shatila, assim como a destruição da capital do Líbano, Beirute. Neste artigo, deteremos nossa análise nos momentos iniciais do conflito, mais especificamente no ano de 1975 em Beirute, apresentando seus principais beligerantes e patrocinadores. Consideraremos também como a revista *Veja*, revista periódica de maior alcance e circulação no Brasil, analisou os primeiros momentos do conflito e qual panorama foi oferecido aos leitores a partir dessa análise: se as razões para o estopim do conflito estão associadas a questões históricas do próprio Líbano ou se associada quase que exclusivamente ao contexto histórico mundial da época.

Palavras-Chave: História do Líbano; Oriente Médio; Revista *Veja*.

ABSTRACT: The Lebanese civil war, which occurred between 1975 and 1990, is a result of a failed policy of division of powers among different faith groups, Maronite Christians, Druze and Muslims that exists since when Lebanon was a province of the Ottoman Empire, and indirectly, by the global context of the Cold War, and by the regional context of the creation of the state of Israel in the Middle East in 1948. This war was marked by the presence of militias, representatives of parties connected to the main religious groups that garnered instable alliances, by the Israeli invasion in 1978 and 1982, aiming to eradicate the PLO (Palestinian Liberation Organization), by regularity of the massacres, exemplified by the episodes of Karantina and Sabra and Shatila, and also by the destruction of the capital of Lebanon, Beirut. In this article we will base our analysis in the beginning of conflict, specifically in 1975 in Beirut, featuring its main belligerents and

¹ Estudante de pós graduação (mestrado) em História, na linha: Poder, Cultura e Saberes pela Universidade Federal de São Paulo. Contato: bruno_tnr@hotmail.com



sponsors. We will consider how magazine *Veja* considered the first moments of the conflict and what scenery was shown to the readers, if the reasons for the outset of the civil war are associated to Lebanon's history or if it is associated almost exclusively to the global historical context of the period.

Keywords: History of Lebanon, Middle East, Veja Magazine;

Introdução

A guerra civil libanesa, ocorrida entre 1975 e 1990, foi resultado de uma política fracassada de divisão de poderes entre diferentes grupos confessionais, os cristãos maronitas, os drusos e os muçulmanos, promovida pela França nos tempos em que o Líbano era um território do Império Otomano². O episódio conhecido como “Crise do Líbano”, concebido por O’Ballance³ como a Primeira Guerra Civil Libanesa, ocorreu entre os anos de 1858 e 1861 opondo dois grupos sociais, que disputavam a autonomia na região do Líbano moderno, os cristãos maronitas⁴ e drusos⁵.

O início do conflito decorre de diversos fatores, tais como as medidas centralizadoras aplicadas pelo Império Otomano, através das Reformas da Tanzimat, em 1846, que diminuíram drasticamente o poder dos clãs drusos e cristãos que possuíam autonomia para governarem livremente contanto que os tributos ao Império fossem pagos⁶.

Os clãs cristãos se rebelaram contra as medidas otomanas e, com suporte do clero maronita, declararam a independência formando uma República camponesa sob a liderança de Taniyus Sahin. Os líderes tribais drusos e

² Esse artigo é resultado das conclusões obtidas durante a realização do projeto de Pesquisa financiado pela Fapesp *A Guerra Civil Libanesa sob a perspectiva da Revista Veja (1975 – 2007)*, desenvolvido entre os anos de 2012 e 2013, e de trabalho monográfico apresentado para conclusão de curso, entregue em 2014. As duas produções foram orientadas pela Professora Doutora Samira Adel Osman.

³ Edgar O’Ballance, *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

⁴ Cristãos cujos dogmas são orientados a partir dos ensinamentos de São Maron, monge que viveu durante o século V no Oriente Médio.

⁵ Religião que apareceu no Oriente Médio por volta do século XI. É embasada no ismaelismo (um braço do xiismo) e tem como principal crença a ideia de que o califa al-Hakīm, que governou o Cairo de 996 a 1021 era encarnação terrena de Deus.

⁶ Stanford J. Shaw. Ezel Kural Shaw, *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey: Volume 2: Reform, Revolution, and Republic: The Rise of Modern Turkey 1808–1975*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 142.



muçulmanos sunitas, já insatisfeitos com a promulgação do Decreto de Reforma de 1856, que equiparava os direitos dos cidadãos muçulmanos e não muçulmanos do império, buscaram se valer da situação política conturbada para também estabelecer um domínio local próprio⁷.

A rivalidade exasperada entre os grupos chegou ao limite em 1860 quando os cristãos atacaram uma vila drusa e deram início a uma série de massacres, no Líbano e na região da Síria, que acabaria por envolver todos os grupos confessionais. Esse conflito acarretou na perda de mais de 7.000 vidas, na destruição de mais de 300 vilarejos e na queima de mais de 500 igrejas resultando em uma interferência das potências europeias.

A França e a Grã-Bretanha enviaram tropas e navios de guerra para a região e obrigaram o Império Otomano a oferecer suporte às hostes estrangeiras para resolver a questão entre os grupos confessionais. Os franceses permaneceram com suas tropas na área até junho de 1861, quando o Protocolo de Beyoglu foi assinado e conferiu ao Líbano um novo e privilegiado estatuto de província independente, com autonomia para exercer os poderes administrativo, judiciário e financeiro a fim de satisfazer todos os setores da população. Essa determinação foi implementada somente no norte do Líbano, excluindo Beirute e as áreas costeiras de maioria muçulmana⁸.

O governador da nova província, o *Mutassarif*, deveria ser um cristão maronita e acumularia também o controle do sistema judiciário e seria responsável pela criação de uma milícia para a defesa da região. Devido a essa premissa nenhuma tropa otomana poderia entrar no Líbano e nenhum tributo seria enviado a Istambul, sendo que taxas locais seriam cobradas para as necessidades da própria província e todos os seus habitantes seriam iguais perante a lei, independentemente da confissão que professassem⁹.

⁷ Stanford J. Shaw; Ezel Kural Shaw. *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey: Volume 2: Reform, Revolution, and Republic: The Rise of Modern Turkey 1808–1975*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 143.

⁸ Stanford J. Shaw; Ezel Kural Shaw. *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey: Volume 2: Reform, Revolution, and Republic: The Rise of Modern Turkey 1808–1975*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 143.

⁹ Stanford J. Shaw; Ezel Kural Shaw. *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey: Volume 2: Reform, Revolution, and Republic: The Rise of Modern Turkey 1808–1975*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 143.



Após a dissolução do Império Otomano em 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial, os franceses assumiram o controle da região, através do sistema de protetorado. Sua presença está intrinsicamente associada à crise de 1860, uma vez que só deixaram o país após a certeza da implementação do Protocolo de Beyoglu, a fim de assegurar que o sistema proposto para o norte do Líbano fosse mantido.

Quando o Líbano alcançou sua independência em 1943, com a promulgação do Pacto Nacional, as determinações do Protocolo de Beyoglu para o norte do Líbano foram estendidas para todo o país. A constituição garantia também, como em 1860, o direito dos grupos confessionais de criarem milícias para autoproteção.

O tratado assegurava a presidência aos maronitas, o cargo de primeiro-ministro a um muçulmano sunita, já o porta-voz da Câmara deveria ser um muçulmano xiita e o Ministério da Defesa ficaria com os drusos¹⁰. Na câmara dos deputados a proporção de cristãos deveria ser de seis para cada cinco muçulmanos. Os cinco governos provinciais deveriam ser ocupados necessariamente por um maronita, um sunita, um xiita, um grego ortodoxo ou um druso¹¹. Os privilégios dos cristãos viriam a ser uma das principais questões que motivariam os demais grupos confessionais a aderirem a uma campanha armada em 1975.

Escolhemos a revista *Veja*, como objeto de estudo, por causa da credibilidade que esse veículo dispunha diante da sociedade brasileira na década de 1970¹². Devido ao estilo da revista ser caracterizado pelo jornalismo interpretativo, isto é, um modelo no qual a construção da notícia parte de uma busca pela apuração dos fatos, do estabelecimento de uma conexão entre eles e de uma explicação para sua ocorrência, a revista foi escolhida como “arauto da intelectualidade” da classe média da época.

Outro fator preponderante na escolha da revista *Veja* está atrelado ao fato de, embora se declarar como uma revista multitemática com forte apelo

¹⁰ Eyal Zisser. *Lebanon: the challenge of independence*. Londres e Nova York: I.B. Tauris & Co Ltda, 2000, p. 58.

¹¹ Eyal Zisser. *Lebanon: the challenge of independence*. Londres e Nova York: I.B. Tauris & Co Ltda, 2000, pp. 58 – 59.

¹² Daniela Villalta. *O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira*. Trabalho apresentado no Intercon, 2002, p. 7.



imagético¹³, boa parte de seu conteúdo, como é o caso da edição que será explorada neste artigo, é caracterizado pela publicação de fatos políticos como reportagens de capa.

Nossa pesquisa consistiu em analisar textualmente e imagetivamente o período que compreende os anos de 1975 até 2006, no entanto neste artigo analisaremos unicamente o ano de 1975, uma vez que a revista *Veja* dedica uma matéria de capa à Guerra Civil, com o objetivo de oferecer aos leitores um panorama das razões do conflito, seus protagonistas e suas batalhas. Consideraremos, ao propor uma análise de alguns dos excertos e de algumas das imagens da edição 374 a partir da bibliografia fundamental, como as facções que representavam os interesses dos partidos ligados aos principais grupos religiosos do país se enfrentavam nas ruas de Beirute no ano 1975.

Uma Guerra “Quente” no Líbano? (1975)

A percepção mais evidente ao problematizarmos textualmente a edição 374 da Revista *Veja*, que apresenta aos leitores as batalhas de rua do conflito no Líbano, é a associação das razões da guerra civil, de maneira quase que exclusivista, ao contexto mundial da Guerra-Fria, como evidenciam os seguintes excertos abaixo:

[...] O Líbano, há quase seis meses vêm sendo, literalmente destruído por uma paranóica guerra civil, na qual mais de cem mil homens – Cristãos e anticomunistas de um lado e esquerdistas, e muçulmanos de outro – travam uma luta de morte¹⁴.

Segundo acusações de Palestinos e muçulmanos a arma, [um canhão de 106 milímetros utilizado pela Falange cristã durante os combates de rua da terça-feira, 4/11/1975] teria sido fornecida pelo próprio exército

¹³ Daniela Villalta. *O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira*. Trabalho apresentado no Intercon, 2002, p. 3.

¹⁴ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p. 20.



libanês ou então por Israel – país que estaria usando os portos de Junia, no norte do país, e de Sídön, no sul, para abastecer os Falangistas¹⁵.

A primeira proposição apresenta ao leitor do periódico dois dos principais grupos beligerantes do conflito, separando-os em cristãos e “anticomunistas” e muçulmanos “esquerdistas”. O excerto elucida como o periódico aplica a lógica do contexto mundial da época, isto é o mundo bipolarizado¹⁶, para caracterizar os principais grupos beligerantes envolvidos no conflito.

A segunda citação, ainda que indiretamente, reforça a hipótese proposta uma vez que os palestinos da Organização Para Libertação da Palestina (OLP) e os muçulmanos libaneses acusavam os membros da Falange de obter suas armas junto aos israelenses, os maiores aliados dos Estados Unidos no Oriente Médio. Dentre as possíveis interpretações para esse trecho, o suporte oferecido pelo Estado de Israel aos falangistas “anticomunistas” poderia significar uma tentativa de assegurar a vitória de um grupo social alinhado ideologicamente com o bloco dos Estados Unidos.

Embora a suposição de *Veja*, de que o conflito civil no Líbano se explica a partir da lógica da Guerra Fria baseada em um mundo dividido entre pró-comunistas e anticomunistas, seja corroborada segundo as hipóteses de Hobsbawm em *A Era dos Extremos* – na qual os conflitos armados, também chamados conflitos “quentes”, haviam irrompido onde outrora fora o mundo colonial¹⁷ – a revista se equivoca ao não explorar as especificidades e as motivações dos grupos sociais locais, que permitiriam ao leitor uma maior compreensão do problema libanês.

De acordo com O’Ballance, a terceira guerra civil libanesa (1975-1990), assim como a segunda (1958), teve suas razões ligadas a estrutura do sistema político libanês, mais exatamente ligadas à divisão dos poderes proposta pelo Pacto Nacional em 1943 que favorecia os cristãos em detrimento de outros grupos de diferentes confissões muçulmanas, que haviam se tornado maioria no país devido à alta taxa de natalidade, ao êxodo dos palestinos causado pela criação do

¹⁵ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p. 30.

¹⁶ Eric J. Hobsbawm. *Era dos Extremos. o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 235.

¹⁷ Eric J. Hobsbawm. *Era dos Extremos. o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 235.



Estado de Israel e à instalação de milícias palestinas no sul do Líbano, principalmente após a expulsão dos palestinos da Jordânia em 1969¹⁸.

O período que compreende os anos de 1975 a 1978, isto é os momentos iniciais do conflito, é marcado principalmente, pela interferência dos países vizinhos Síria, Palestina e Israel, este último de maneira indireta fornecendo suporte aos grupos que eram hostis à OLP, e pelas violentas batalhas de rua entre as milícias representativas dos grupos confessionais, principalmente opondo milicianos da Falange cristã e milicianos do movimento palestino¹⁹.

Garantidas pela constituição do país, todas as confissões e também algumas das principais famílias do Líbano, utilizavam-se das milícias buscando angariar benefícios para seus próprios grupos durante a guerra civil. Os cristãos maronitas, os muçulmanos, os drusos, os armênios, os cristãos ortodoxos, todos os principais grupos sociais do país tiveram representação armada no conflito. A edição 374 privilegia três grupos políticos com milícias representativas: a OLP, como evidencia a segunda passagem proposta, a milícia ligada ao Partido Socialista Progressista (PSP) e ao Movimento Nacional Libanês (MNL), grupos políticos que faziam parte da “esquerda muçulmana”, e a Falange cristã, representante dos cristãos anticomunistas presentes no primeiro excerto.

O PSP, criado em 1949, e o MNL, formado em 1969, eram dois partidos representativos dos drusos, que também aceitavam membros de confissão xiita. Ambos os grupos políticos tinham em comum o fato de estarem ligados ao líder antigovernista druso Kamal Joumblatt. Sua milícia possuía um efetivo de mais de três mil soldados, cuja principal função era proteger o distrito de Chouf, localizado a sudoeste de Beirute, onde a casa de Joumblatt se situava²⁰.

O Partido *Kataeb*, ou Falange, foi fundado pelo cristão maronita Pierre Gemayel em 1936, e suas bases ideológicas eram inspiradas nos regimes fascistas da Europa. Segundo Michael Johnson em *All Honorable Men: the Social Origins of War in Lebanon*, Gemayel, quando estivera nas Olimpíadas de 1936 em Berlim, ficara fascinado com a “força física, disciplina, ordem e nacionalismo” alemães²¹. A milícia desse partido era a que angariou o maior número de

¹⁸ Edgar O'Ballance. *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998, p. IX.

¹⁹ Edgar O'Ballance. *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

²⁰ Edgar O'Ballance. *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998, p.18.

²¹ Michael Johnson. *All Honourable Men: the Social Origins of War in Lebanon*. Londres: The Centre for Lebanese Studies, Oxford em associação com I.B. Tauris & Co Ltd., 2001, p. 148.



membros, ultrapassando 10.000 pessoas²². O principal interesse em sua participação na guerra civil era salvaguardar a estrutura do Pacto Nacional.

As milícias drusas foram algumas das principais oposições à Falange cristã, tanto nas batalhas de rua, em 1975 e 1976, quanto nas batalhas políticas, realizadas durante as tentativas de cessar-fogo; tanto em operações de represália, quando, por exemplo, a Falange bloqueou a entrada de suprimentos básicos e atacou os refugiados do campo de *Tel Zaatar*; quanto em propostas de reforma do sistema político libanês e suas instituições, como quando, da exigência de Kamal Joumblatt, de uma reforma no exército, uma vez que os oficiais agiam de acordo com os interesses dos maronitas²³. O principal objetivo dos drusos e de suas milícias era uma reforma política e histórica²⁴ que oferecesse àquele grupo social mais igualdade no sistema político do país.

A OLP, criada em 1964 sob a orientação de Yasser Arafat, também possuía suas milícias representativas em território libanês, como o grupo armado Fatah. Em um primeiro momento os grupos palestinos buscaram manter-se afastados do conflito armado e político entre as milícias cristãs e muçulmanas. Suas principais batalhas foram ao lado dos drusos, seus aliados contra a Falange e contra o Estado de Israel em 1978 e em 1982, até sua expulsão do país neste mesmo ano²⁵. Embora seu principal objetivo fosse sobreviver como um corpo independente das questões internos libaneses, a OLP se tornou uma das principais forças beligerantes do conflito no período de 1975 a 1982²⁶.

Kamal Salibi afirma que o conflito no Líbano foi causado pela incapacidade dos principais grupos que controlavam o país de entenderem que não existia somente uma via para o estabelecimento da identidade nacional. As hostilidades mútuas, segundo o autor, estavam diretamente associadas ao fato dos grupos sociais libaneses exigirem regalias políticas a partir de um embasamento histórico que superestimava os feitos de sua própria comunidade em detrimento dos demais²⁷.

²² Edgar O'Ballance. *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998, p. 15.

²³ Edgar O'Balance, *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998, p.33

²⁴ Kamal S. SALIBI. *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005.

²⁵ Matthew Preston, *Ending civil war: Rhodesia and Lebanon in perspective*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2004, p.238.

²⁶ Edgar O'Balance, *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998, p. 27.

²⁷ Kamal S. Salibi, *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005.



De acordo com O'Ballance²⁸ e Salibi²⁹, a questão principal da guerra civil não está necessariamente associada à Guerra Fria. Ambos os autores concordam que o conflito pode ser concebido conforme a realidade específica do Líbano, isto é, a partir da incapacidade das diferentes confissões de se organizarem de maneira igualitária e de realizarem concessões para que a convivência entre os distintos grupos fosse, no mínimo, pacífica. O PSP, o MNL e a OLP exigiam reformas que garantissem mais representatividade aos drusos e aos muçulmanos, que haviam se tornado maioria da população, no entanto os cristãos falangistas não estavam dispostos a discutir mudanças, na estrutura estabelecida pelo Pacto Nacional em 1943, que poderiam, por ventura, colocar fim aos privilégios.

Portanto, ao notarmos essa divergência entre a determinação da revista *Veja*, sobre como o conflito pode ser traduzido, e a bibliografia, a indagação sobre se a Guerra Civil Libanesa se trata de uma guerra “quente” só pode ser respondida negativamente, uma vez que a Guerra Civil Libanesa não dependeu necessariamente do contexto histórico mundial para acontecer. As questões regionais e as especificidades presentes na história do Líbano, desde a época da dominação otomana, são mais assertivas no apontamento das razões das que levaram ao embate em 1975.

As razões da revista para enxergar o conflito sob a ótica da Guerra Fria são compreensíveis ao retomarmos o contexto político da produção da reportagem, em que o Brasil atravessava, durante a época da publicação, por um regime militar, de orientação política alinhada aos Estados Unidos, que sofria com as constantes ações de grupos de esquerda que buscavam derrubar o governo, estando a dicotomia, portanto, no cerne das questões políticas.

Apesar da revista oferecer um panorama de um confronto entre cristãos anticomunistas e muçulmanos esquerdistas, *Veja* também apresenta, ainda que de forma sucinta, as suas razões pautadas nas especificidades.

Embora representem teoricamente todas as forças políticas e religiosas da nação, graças a um célebre acordo de trinta anos atrás, pelo qual a presidência da República pertence a um cristão e a chefia do gabinete a um muçulmano, nem o presidente Suleiman Franjeh nem o primeiro-

²⁸ Edgar O'Ballance, *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

²⁹ Kamal S. Salibi, *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005.



ministro Rachid Karami parecem ter forças suficientes para controlar seus próprios partidários – quanto mais o país³⁰.

Ao evidenciar ao leitor como as razões do conflito estão associadas às questões políticas e não somente às questões religiosas, além de demonstrar a incapacidade dos libaneses, ainda que compartilhassem dos mesmos anseios como é o caso dos partidários de Franjieh e Karami, em realizar concessões para se alcançar um consenso, a revista está de acordo com as proposições da bibliografia. No entanto, embora todos os setores políticos da sociedade libanesa estivessem representados no governo, como afirma o excerto proposto, essa representação não acontecia de igualitária, já que de acordo com O'Ballance³¹.

[...] Longe de revelarem qualquer espírito conciliador [Kamal] Joumblatt e [Pierre] Gemayel são os principais responsáveis pela atual situação. Pois foram exatamente os atritos de rua entre suas milícias de rua particulares – aliás permitidas pela constituição do país – que desembocaram na guerra civil³².

Essa proposição trata de outra característica extremamente importante da realidade social do Líbano e que, segundo a bibliografia, teve importância crucial para o desenvolvimento do conflito: a rivalidade entre os clãs e as famílias mais tradicionais do Líbano. Pierre Gemayel e Kamal Joumblatt eram considerados os senhores da guerra, justamente por suas famílias contarem com influência e prestígio diante de suas comunidades confessionais. Salibi³³ evidencia que os libaneses nunca se sentiram de fato “libaneses”, uma vez que as muitas tribos existentes no país, ou utilizando um eufemismo recente na região, as muitas “famílias espirituais”, só são capazes de olhar uma a outra de maneira suspeitosa e desconfiada. Essa desconfiança decorre da incapacidade desses grupos em desconstruir seus próprios privilégios e reconhecer o valor da experiência dos demais clãs.

³⁰ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p. 28

³¹ Edgar O'Balance, *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

³² Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p. 28

³³ Kamal S. Salibi, *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005, pp. 217- 218.



Um exemplo seria o nacionalismo árabe, que dentre seus muitos vieses propõe o mundo árabe unido sob o estandarte do islã, excluindo, no caso do Líbano e da Síria, os cristãos maronitas. A partir dessa premissa de Salibi³⁴, poderíamos nos perguntar se Kamal Joumblatt, representante dos drusos, genericamente caracterizado por *Veja* como muçulmano esquerdista, estaria, realmente, interessado em ajudar os palestinos a recuperar suas terras ou os xiitas a ganhar mais representatividade, uma vez que se tratavam de “famílias espirituais” diferentes da sua.

Outra característica da guerra civil proposta pela bibliografia³⁵ que também aparece em nosso objeto de estudo é a constante interferência, ainda que de forma indireta, países vizinhos:

A Síria, é verdade, negou-se oficialmente a atender aos apelos de Joumblatt para se unir aos muçulmanos na luta contra o que ele chamou de “longa mão de Israel”, isto é seus inimigos da Falange. Mas sabe-se que guerrilheiros ligados a Saiqa, organização palestina dominada pelo governo sírio, ocuparam várias aldeias ao redor de Beirute³⁶.

O apoio logístico oferecido pela Síria ao grupo Saiqa tinha como principal função, de acordo com o governo sírio, garantir que as reformas favoráveis aos muçulmanos fossem de fato implementadas³⁷. No entanto, segundo Michael Johnson, durante as articulações para a independência do Líbano existiu, por parte dos muçulmanos sunitas libaneses e sírios, um plano para a independência do Mandato Francês da Síria e do Líbano como um todo³⁸ e embora esse plano tenha fracassado, devido ao apoio dos franceses ao projeto de independência do Líbano como um país separado, apresentado pelos cristãos, os sírios considerariam até 2008 o Líbano como parte da “Grande Síria”.

Ao associarmos as proposições de Johnson ao excerto proposto, podemos questionar se o suporte oferecido pelos sírios aos grupos muçulmanos envolvidos

³⁴ Kamal S. Salibi, *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005, p. 218.

³⁵ Edgar O'Ballance, *Lebanon Civil War (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

³⁶ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p. 30.

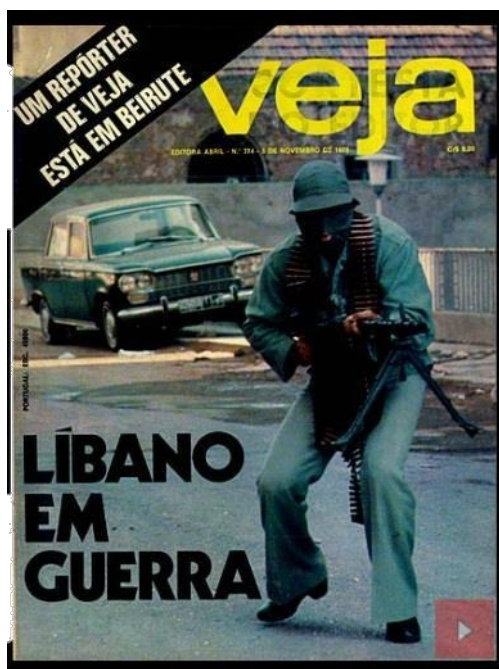
³⁷ Edgar O'Ballance, *Lebanon Civil War (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998, p. XVII.

³⁸ Michael Johnson, *All Honourable Men: the social origins of war in Lebanon*. Londres: The Centre for Lebanese Studies, Oxford em associação com I.B. Tauris & Co Ltd., 2001, p.143.



no conflito visava, muito mais, assegurar seus próprios interesses políticos, instaurando um governo muçulmano aberto as sugestões e a influência de Damasco, do que contribuir para igualdade entre os grupos sociais da região.

As fotografias da edição 374 apresentam ao leitor a difícil realidade dos civis libaneses durante a guerra e os “homens fortes” responsáveis por aquela situação. Nosso método de análise, dessas representações, consistirá em averiguar quais “tipos humanos” estão representados³⁹ e quais os principais objetivos das fotografias, isto é, se foram produzidas e estruturadas de forma a despertar a consciência ou causar comoção nos observadores⁴⁰. Pretendemos ainda considerar se o objeto de estudo se utiliza da técnica do anti-herói – recurso de produção fotográfica comumente utilizada pelo fotojornalismo de guerra após a Segunda Guerra Mundial – para retratar o conflito.



A capa da edição⁴¹ analisada apresenta ao leitor uma fotografia de um miliciano fortemente armado, com o rosto coberto, em meio a uma Beirute vazia. Ao estampar essa imagem em sua reportagem de capa, a revista se utiliza de uma,

³⁹ Carlos Alberto Sampaio Barbosa. *A fotografia a serviço de Clio: Uma interpretação visual da revolução mexicana 1900-1940*. São Paulo: Unesp, 2006.

⁴⁰ Susan Sontag, *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 21.

⁴¹ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975.



das várias técnicas possíveis quando se trabalha com o fotojornalismo⁴², a técnica da “carga dramática”. O periódico ao apresentar a imagem do miliciano armado, em meio a uma cidade vazia, propõe ao observador um questionamento a respeito do alcance da violência naquele lugar. Uma vez que o uso do recurso da carga dramática tem como função impactar e atrair a atenção dos observantes, o cenário mais provável é que essa imagem tenha sido selecionada com a função de assegurar a alta vendagem da revista.

A imagem também pode ser caracterizada através da figura do anti-herói⁴³, isto é, caracterizada segundo uma representação negativa dos soldados e suas ações nos conflitos armados. Ao evidenciar a cidade de Beirute vazia com o miliciano em destaque, o retrato induz o observador a concluir que o Líbano está sob o controle dessas facções, e que os civis não dispõem de segurança para sair às ruas.



A fotografia⁴⁴, em preto e branco, que ilustra o tópico “Guerra selvagem no Líbano”, na página 20 do periódico, retrata uma sala vazia, onde se encontram três indivíduos armados que olham para fora, à espreita. Os homens representados são, obviamente, milicianos embora não seja possível identificar

⁴² Carlos Alberto Sampaio Barbosa. *A fotografia a serviço de Clío: Uma interpretação visual da revolução mexicana 1900-1940*. São Paulo: Unesp, 2006.

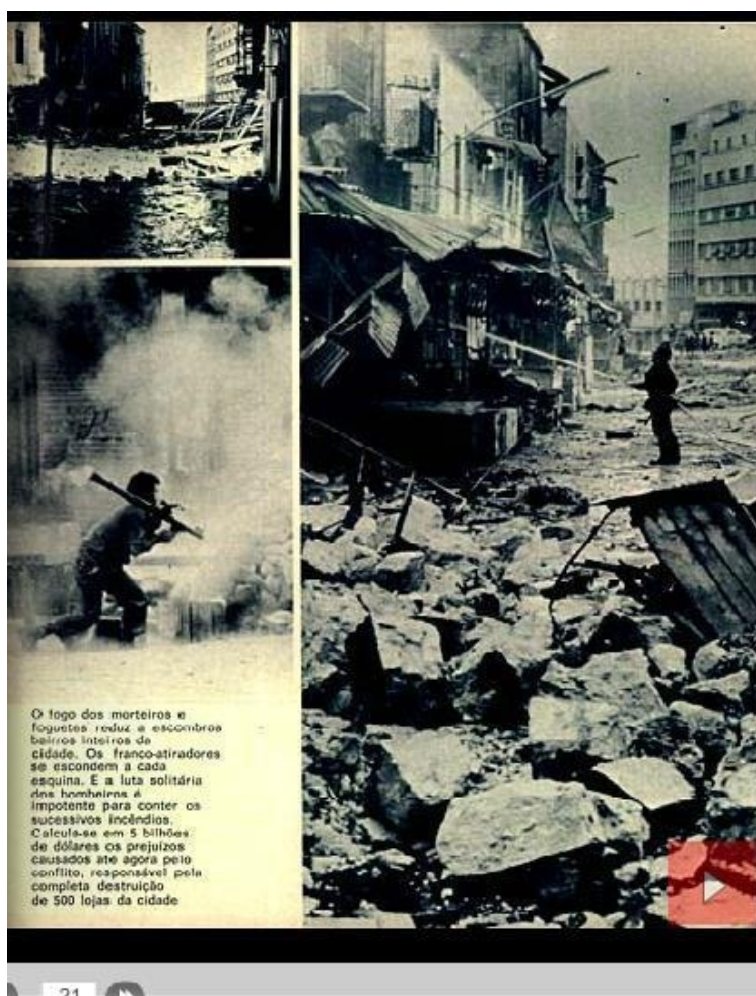
⁴³ Carlos Alberto Sampaio Barbosa. *A fotografia a serviço de Clío: Uma interpretação visual da revolução mexicana 1900-1940*. São Paulo: Unesp, 2006.

⁴⁴ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p. 20.



se pertencem, a partir da definição genérica da revista, a facção dos “cristãos anticomunistas” ou dos “muçulmanos esquerdistas”.

A representação fotográfica propõe um despertar da consciência⁴⁵ dos observadores a respeito da situação no Líbano ao se utilizar da técnica da ironia, como podemos evidenciar através da legenda: “A Guerra invade o parlamento: em vez da reunião marcada, tiros no prédio”. A fotografia denuncia o fato do prédio do parlamento, que deveria servir como local para a proposição de um cessar-fogo entre os grupos envolvidos no conflito, funcionar como base de operações para as milícias envolvidas.



O conjunto de fotografias que ocupa a página 21⁴⁶ do periódico evidencia a destruição de Beirute, além de expor o armamento sofisticado dos milicianos, como demonstrado através da segunda fotografia retratada no segundo quadro

⁴⁵ Susan Sontag, *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 21.

⁴⁶ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p.21



da esquerda, em que o miliciano dispara um morteiro; ao mesmo tempo, no quadro à direita, assim como descrito na legenda, expõe-se a batalha solitária e ineficaz dos bombeiros na contenção de incêndios em meio aos destroços do centro de Beirute. Mais uma vez os milicianos são representados a partir do recurso do anti-herói⁴⁷. Afinal suas ações são representadas de maneira claramente negativa

A batalha solitária do bombeiro pode ser analisada segundo a proposição de Sontag⁴⁸ na qual algumas fotografias são produzidas com a função de causar comoção e despertar consciência em seus observadores.



As imagens da página 28⁴⁹ ilustram os “senhores da Guerra”: Gemayel cercado por seus milicianos na primeira fotografia a esquerda; e, à direita, Jumblatt, o líder do movimento nacional dos muçulmanos, pedindo apoio à Síria. A fotografia central representa o fraco governo libanês na figura de Frangieh, incapaz de tomar qualquer medida que resolvesse a guerra civil que assolava o país. Essa fotografia demonstra os “tipos humanos”⁵⁰, que são os protagonistas da guerra civil de acordo com o periódico, os principais líderes políticos

⁴⁷ Carlos Alberto Sampaio Barbosa. *A fotografia a serviço de Clío: Uma interpretação visual da revolução mexicana 1900-1940*. São Paulo: Unesp, 2006.

⁴⁸ Susan Sontag, *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴⁹ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975. p. 28.

⁵⁰ Carlos Alberto Sampaio Barbosa. *A fotografia a serviço de Clío: Uma interpretação visual da revolução mexicana 1900-1940*. São Paulo: Unesp, 2006.



representantes das religiões de maior importância no cenário político libanês, por trás das milícias.



A última foto na página 30⁵¹ representa as constantes tréguas, embora não duradouras, entre os grupos rivais. Essas tréguas permitiam aos civis mudarem de um determinado ponto da cidade para outro ou comprar mantimentos, no entanto, devido a fragilidade dos acordos entre as facções, a realização dessas tarefas significava colocar a própria vida em risco. Mais uma vez os recursos da comoção e da mobilização da consciência⁵² são utilizados ao evidenciar o esforço que os civis, como no exemplo do homem segurando a bandeira branca, eram obrigados a fazer na tentativa de realizar as tarefas mais básicas do cotidiano sem acabar sendo baleados.

Conclusões

Ao término de nossa análise percebemos que a maneira como a reportagem é estruturada na edição 374, induz o leitor a acreditar que todo o país

⁵¹ Revista VEJA, Edição 374, 5 de Novembro de 1975, p.30

⁵² Susan Sontag, *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



estava imerso na Guerra Civil, o que configura, de acordo com O'Ballance⁵³, um equívoco, dado que em 1975 o conflito estava praticamente restrito a Beirute. O sul do país por exemplo, só viria a experimentar a realidade de uma guerra de fato quando, em 1978, os israelenses invadissem o país com a pretensão de destruir a OLP⁵⁴, enquanto que nos redutos cristãos e muçulmanos do norte do país os efeitos da guerra civil quase não foram sentidos pelos civis durante os quinze anos de conflito.

As questões que são cruciais para o entendimento do problema libanês, segundo a bibliografia, como os privilégios políticos dos cristãos em detrimento das demais confissões e o êxodo dos palestinos, têm pouca ou quase nenhuma influência para a compreensão do conflito a partir da reportagem analisada.

A maneira como o conflito é apresentada aos leitores, a partir da lógica genérica da Guerra Fria, configuraria outro equívoco, posto que de acordo com Salibi, a resolução do conflito civil no Líbano perpassa, necessariamente, pela compreensão da história como uma busca por entendimento.⁵⁵ Se a resolução do conflito está associada a mobilização da história como ferramenta para se alcançar o entendimento, nos parece óbvio pensar que a história libanesa também é responsável por explicar as razões que levaram os grupos sociais daquele país a se hostilizarem mutuamente.

Segundo Salibi o conceito de entendimento funciona como “uma casa de muitas mansões”, o que significa que não existe um modelo único para se alcançá-lo. O conflito no Líbano se iniciou justamente pela incapacidade dos clãs libaneses em compreender que existem muitas maneiras de interpretar a história do Líbano, das comunidades que o compõem e do mundo árabe em geral⁵⁶, e que nenhuma necessariamente precisa se sobrepujar à outra, isto é, o nacionalismo árabe, por exemplo, não precisa necessariamente incluir o islã como traço de identidade comum, excluindo cristãos maronitas, coptas e outras minorias.

⁵³ Edgar O'Ballance, *Lebanon Civil War (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

⁵⁴ Edgar O'Ballance, *Lebanon Civil War (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.

⁵⁵ Kamal S. Salibi, *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005, p. 234.

⁵⁶ Kamal S. Salibi, *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005, p. 234.



Principais dados referentes à reportagem de capa da edição 374:

Revista Veja, Edição 374, 5 de Novembro de 1975
Líbano como reportagem de capa: Sim
Seção: Internacional
Título (capa): O Líbano em Guerra
Título (interno): A Guerra selvagem no Líbano
Número total de páginas da revista: 116
Número de páginas da reportagem: 8
Número de imagens relacionadas ao Líbano: 21 (incluindo a capa)
Diretor de Redação: Mino Carta (A revista não apresenta a assinatura de um determinado jornalista para as reportagens sobre o Líbano.)
Chefe de Fotografia: Darcy Trigo (As fotografias não apresentam legenda com nome do fotógrafo, data e local da foto.)

Referências

- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: Uma interpretação visual da revolução mexicana 1900-1940*. São Paulo: Unesp, 2006
- JOHNSON, Michael. *All honourable men: the social origins of war in Lebanon*. Londres: The Centre for Lebanese Studies, Oxford em associação com I.B. Tauris & Co Ltd., 2001.
- O'BALLANCE, Edgar. *Lebanon Civil war (1975 - 1992)*. Nova York: Palgrave, 1998.



- PRESTON, Matthew. *Ending civil war: Rhodesia and Lebanon in perspective*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2004.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SALIBI, Kamal S. *A House of many mansions. The History of Lebanon Reconsidered*. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2005.
- SHAW, Stanford J.; SHAW, Ezel Kural. *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey: Volume 2: Reform, Revolution, and Republic: The Rise of Modern Turkey 1808– 1975*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- ZISSER, Eyal. *Lebanon: the challenge of independence*. Londres e Nova York: I.B. Tauris & Co ltda, 2000.

